

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA

7 de Novembro de 2022

INQUIETUDE / 1998

um filme de MANOEL DE OLIVEIRA

Realização: Manoel de Oliveira *Argumento, Diálogos:* Manoel de Oliveira a partir de *Os Imortais* de Helder Prista Monteiro, *Suzy*, de António Patrício e *A Mãe de um Rio*, de Agustina Bessa-Luís *Fotografia* (35 mm, Eastmancolor, 1:1,66): Renato Berta *Som:* Philippe Morel *Montagem:* Valérie Loiseleux *Música:* Os Imortais, *Piano concerto Nº 2 in C Minor Opus 18* de Serge Rachmaninov interpretado pela Orquestra Sinfónica da Filarmónica Nacional de Varsóvia sob a direção de S. Wislocki; *Suzy, Les Marcheuses* de Aristide Bruant, arranjos para piano de José Luís Borges Coelho, *Tango* arranjos para piano de Luís Lopes; *A Mãe de um Rio*, Canção popular grega, arranjos para piano de Jean-François Auger *Misturas:* Jean-François Auger *Assistentes de realização:* José Maria Vaz da Silva, João Milagre (Shorty) *Anotação:* Júlia Buisel *Cenografia, Figurinos:* Isabel Branco *Maquilhagem:* Emmanuelle Fèvre *Consultor cultural:* Jacques Parsi *Telões:* Luís Monteiro *Figurista:* Silvia Grabwoski *Interpretação:* Luís Miguel Cintra (o filho), José Pinto (o pai), Isabel Ruth (Marta), Leonor Silveira (Suzy), Diogo Dória (ele), Rita Blanco (Gabi), David Cardoso (o amigo), Leonor Baldaque (Fisalina), Ricardo Trêpa (o noivo), Irene Papas / participação especial (a mãe) E em *Os Imortais:* Leonor Araújo (menina), Afonso Araújo (menino), Clara Nogueira (criada) E em *Suzy:* Alexandre Melo (companheiro), António Reis (conde); E em *Mãe de um Rio:* Adelaide Teixeira (madrasta), Fernando Bento (pai de Fisalina), Marco Pereira (irmão I), André Pacheco (irmão II) E não creditados: Manoel de Oliveira e Maria Isabel de Oliveira (dançarinos de tango), Júlia Buisel (cocote).

Produção: Madragoa Filmes, Gemini Films, Wanda Films, Light Night (Portugal, França, Suíça, 1998) *Produtor:* Paulo Branco *Estreia mundial:* 19 de maio de 1998, Festival Internacional de Cinema de Cannes (Fora de competição) *Estreia comercial em França:* 23 de setembro de 1998 *Estreia comercial em Portugal:* 30 de outubro de 1998, cinemas Monumental-Saldanha, Fonte Nova e AC Santos (Lisboa) *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, versão original em português, francês e grego legendada electronicamente nas falas em grego 108 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* 11 de Novembro de 1999 ("Isabel Ruth").

Começamos pelos detalhes: a bengala do Papá, a longa cigarrilha de Suzy, a urze lilás da Mãe de um Rio, os relógios em cima do piano, ao lado do retrato de Marta e aquele outro em cima do aparador do quarto de Suzy, os dois dourados como as pontas de ouro dos dedos de Fisalina (mas sem o seu brilho seco), o lenço que o pai ata ao pulso para não se esquecer que existe, o bigode pintado do filho, o chapéu vaporoso de Marta, a cadeira em forma de "s" em que o filho se senta, a roleta no casino, a barca – que se vê pela primeira vez enquadrada entre dois copos atrás do balcão no casino, depois nas pinturas românticas do quarto de Suzy e finalmente se chama *Sol*, quando Suzy passeava com o amante sobre o rio –, o cetim vermelho do roupão, as rendas brancas da camisa, a luva preta de Fisalina...

O detalhe é um vício, como a alma, segundo FRANCISCA? Em INQUIETUDE, os detalhes multiplicam-se. A atenção aos pormenores é exaltada, tanto nos objectos que impregnam os cenários, como as palavras que as personagens proferem, também no modo fragmentário em que as imagens são compostas, ou melhor dito, olhadas. Reparar em detalhes é observar partes, partes de partes, partes que remetem para a noção de totalidade, cuja "reconstituição" exige forçosamente um exercício de memória e de relacionamento. "*C'est un détail*", expressão da filosofia de Suzy, em francês e tudo, a frase mais repetida no filme. Não exactamente um jogo (se bem que parte do filme tenha lugar num casino), antes uma celebração. Assim

parece em INQUIETUDE, uma celebração de imagens, da sua perdurabilidade e energia intrínseca. Este filme, também ele feito de partes que evocam fortemente um todo, não apenas da obra enquanto unidade concreta, mas de todo o universo Oliveira, nele incluídos os temas e as formas, interroga a volúpia das imagens. Aparições e reaparições. Um filme de uma inquieta liberdade. A mesma que permite ao autor entrar no filme trajado a rigor para uma dança com a mulher na mais inclassificável sequência: há muitos momentos magníficos no cinema de Manoel de Oliveira, mas haverá poucos tão comoventes como este. O tempo de um tango, aplausos e agradecimentos.

Para dentro ou fora de campo? As personagens e as situações de INQUIETUDE prestam-se a metamorfoses, reencarnações, ressonâncias, umas fazem eco de outras, convocam-se (dentro e fora de campo). Para fora de campo se dirigem tantas vezes os olhares – tão poderosos e tão desafiadores – de uma maneira que faz com que as superfícies pareçam desdobrar-se em outras e outras. A perspectiva está constantemente a ser reequacionada (a cena de um teatro que é palco de uma história onde se alude a uma outra mais imemorial; figuras que se parecem confundir com outras que lhes servem de fundo), mas também truncada (no interior da cena teatral abre-se a mais impressionista e solar das sequências – o *Déjeuner sur l’herbe* – e quando a narrativa se torna aparentemente realista, sublinha-se o artifício – o telão onde a paisagem da cidade está representada por trás da janela do quarto do amante de Suzy).

Fragmentária é também a estrutura adoptada pelo filme: “*três contos que valem por uma só e mesma história*”, disse algures Oliveira a propósito de INQUIETUDE. Os três segmentos podem ser relacionados como um prólogo a uma narrativa que tem um epílogo. Uma parábola, um romance e uma fábula. O teatro a partir de *Os Imortais*, a literatura com *Suzy*, a poesia de *A Mãe de um Rio*. Que em termos narrativos eles se justificam e se imbricam é iniludível, conciliando diferentes registos e diferentes épocas. As rimas que estabelecem são, porém, mais profundas e complexas. Poder-se-ia dizer que é um filme de recapitulações. E não será de somenos que, a seguir a INQUIETUDE, Oliveira volte a filmar amores frustrados como em *A CARTA*, nem que INQUIETUDE suceda ao confessional *VIAGEM AO PRINCÍPIO DO MUNDO* num tom inicial tão provocatório: “*Mata-te!*” O pai incita o filho, como ele velho, cientista e escritor, para evitar que a morte lhe assombre o corpo (“*estamos velhos e somos a metade daquilo que fomos*”). O riso de Fisalina, que ocupará por mil anos o lugar da Mãe de um Rio, parece responder à interjeição inicial do velho *papá*.

“Já não sou capaz de cantar como quando bebia sumo de medronho, e os meus pés já não sentem o murmúrio da terra. Já não ouvem.” O segmento Agustina de INQUIETUDE, o seu momento ancestral, é aquele em que a paisagem convoca a invisibilidade do visível ou a visibilidade do invisível que logo se embrenham no cântico de Irene Papas quando, voltada de costas, penteia com os dedos de ouro da sua mão direita o cabelo escuro e liso num muito misterioso muito grande plano. A Mãe de um Rio que, de pés descalços, se penteia defronte da casinha de pedra semi-enterrada na paisagem de montanhas, pontes e grutas, falando do tempo que passou até que o povo da aldeia se esquecesse dela e ela se tornasse incapaz de reconhecer as novas gerações de crianças, é Irene Papas depois de *PARTY* e antes do *FILME FALADO*, os filmes do seu encontro com Manoel de Oliveira que quis escutar-lhe a voz, o canto, uma ressonância antiga. E nunca a filmou tão bela como aqui, no tempo suspenso em que os pés procuram sentir o murmúrio da terra. No contracampo de Papas estão Leonor Baldaque e Ricardo Trêpa, os actores-netos de Agustina e Manoel nos papéis de Fisalina e o noivo. É ainda um detalhe.